

O Culto da Árvore e a 1.ª República

José Neiva Vieira



Lisboa, Fevereiro 2010



Ministério da
Agricultura,
do Desenvolvimento
Rural e das Pescas



Autoridade
Florestal
Nacional

A implantação da República a 5 de Outubro de 1910 trouxe à sociedade portuguesa um conjunto de novos valores e símbolos. Entre estes destaca-se o culto da árvore que se associa a outros valores centrais do republicanismo como a fraternidade, a educação e o culto da pátria.

Ao culto da árvore associam-se a realização de manifestações cívico-pedagógicas designadas de Festas da Árvore, a criação da Associação Protectora da Árvore e a sua meritória acção em prol da árvore e do desenvolvimento florestal do país, a propaganda sistemática a favor da árvore através de festas, conferências, plantações comemorativas e publicação de artigos de jornal e livros alusivos, a classificação e protecção das árvores notáveis e ainda uma aposta na reorganização e modernização da Administração Florestal, de que as Conferências Florestais de 1914, 1915, 1916 e 1917 são exemplo, e a intensificação do regime florestal vocacionado para a arborização das dunas do litoral e do interior montanhoso e serrano.



Cartaz da 1.ª Festa da Árvore na Amadora

A FESTA DA ÁRVORE

As primeiras Festas da Árvore iniciaram-se em Portugal na fase muito final da Monarquia por iniciativa de organizações republicanas.

A 26 de Maio de 1907 realizou-se no Seixal a 1.ª Festa da Árvore, promovida pela Liga Nacional de Instrução, criada para promover a instrução nacional e principalmente o ensino primário popular. Destacam-se na sua organização duas figuras ilustres da Maçonaria – António Augusto Louro que presidiu à Comissão que promoveu a Festa da Árvore e Manuel Borges Grainha da Liga Nacional de Instrução. A Festa foi um enorme sucesso ao qual aderiram alunos, professores e população do Seixal mas também destacados cidadãos e populações das proximidades.

Nesse mesmo ano, também promovida pela Liga Nacional de Instrução, a 19 de Dezembro, realizou-se em Lisboa, com o apoio da Câmara Municipal, outra Festa da Árvore que mobilizou os estudantes das principais escolas da capital.

Estava assim iniciado um movimento cultural e cívico de celebração dos benefícios da Árvore e da Floresta, constando essencialmente da plantação de árvores, de um ambiente festivo e de discursos de propaganda a favor da árvore.

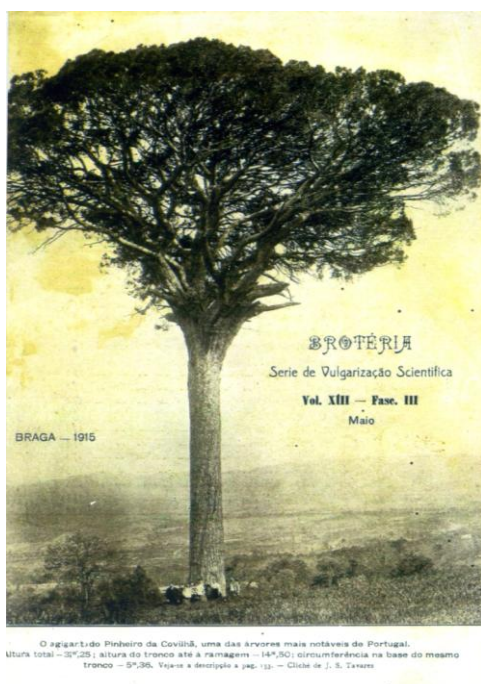
O panorama florestal do país era propício a este movimento dada a significativa desarborização em que se encontrava e as necessidades crescentes em madeira. Ao longo do século XIX tinha-se processado uma significativa desarborização de folhosas, nomeadamente carvalhos e castanheiros, as serras do interior estavam profundamente erodidas e era necessário secar pântanos e fixar dunas através da arborização. Logo no princípio do século (1901, 1903 e 1905) é estabelecido o Regime Florestal, base jurídica para uma vasta acção do Estado em prol da arborização, nomeadamente em Baldios, começam os primeiros trabalhos de arborização nas serras e continuam os trabalhos de fixação de dunas.

Em 1908 a Direcção Geral de Instrução chamou a si a responsabilidade de promover a generalização da Festa da Árvore a todas as escolas do país tendo sido a Liga Nacional de Instrução, de que era Presidente Bernardino Machado, a grande dinamizadora das Festas até 1912.

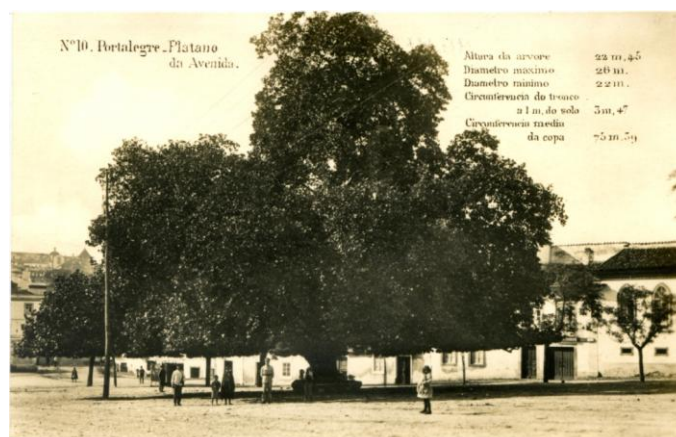
Neste período referenciam-se Festas da Árvore em Lisboa, Porto, Coimbra, Leiria, Aveiro, Santarém, Castelo Branco, Évora, Alcáçovas, Alcobaça, Lourinhã, Barreiro, Seixal, Moita, Fundão, Almodôvar, Lousã, Montemor-o-Novo, Amadora e em tantas outras terras.

Em 1912 o Jornal “O Século Agrícola” chama a si a liderança das Comemorações lançando uma forte campanha de propaganda à escala nacional, que encontrou o maior eco junto dos governantes, dos agricultores, das escolas, das associações e das autarquias. Presidente da República, Ministros e altos responsáveis da administração pública e do poder local presidem às comemorações. Agricultores, viveiristas e Serviços Florestais asseguram o fornecimento das árvores a plantas. As acções de propaganda eram asseguradas pelos professores, por prestigiados

agricultores e técnicos agrónomos e florestais e ainda pelos sócios da Associação Protectora da Árvore, constituída formalmente em 1914 com vista à “propagação, defesa e culto da árvore”. Esta associação, liderada pela figura ilustre do Dr. José de Castro, reconhecida pelo Governo como de Utilidade Pública, editou diverso material de propaganda nomeadamente brochuras e postais, assumiu posições públicas sobre as vantagens do regime florestal e da arborização, a defesa das árvores monumentais, e o apoio à Festa da Árvore. Editou ainda uma revista de que saíram 6 números nos anos de 1914 e 1915 em que, a par de informações e artigos técnicos, se divulgam poemas em louvor da árvore, máximas florestais e discursos apologeticos sobre os benefícios da arborização.



Árvores monumentais dessa época



De 1912 a 1915 decorreu o período áureo das festas da Árvore, sendo 1913 o seu ano de eleição.

A implantação da República em 1910 criou um quadro político propício às grandes campanhas cívicas e de esclarecimento dos cidadãos, como é tradicional, quando há mudanças drásticas de regime. E a Festa da Árvore enquadrava-se nesse espírito. Daí o grande entusiasmo dos vultos republicanos à volta destas iniciativas mas também a reserva, se não hostilidade, de forças conservadoras que viam nestas comemorações uma forma hábil de penetração dos novos ideários em meios, nomeadamente rurais, onde não tinham tradicional implantação. Tentativas de boicote, campanhas na imprensa e arranque das árvores plantadas foram algumas das acções promovidas contra a Festa da Árvore.

Para ilustrar essa polémica transcrevem-se 2 excertos de Jornais de 1914.

A FESTA DA ÁRVORE

Festa simpática das crianças explorada pela Maçonaria/Os católicos não podem colaborar nesta festa naturalista e ateia permitindo que os seus filhos nela se incorporem /Arregimentem os filhos dos livres pensadores.

Realiza-se no dia 15 nesta cidade como decerto em todo o país, a chamada festa da árvore, que podendo ser em si uma festa simpática e proveitosa à educação das crianças, está sendo nesta malfadada terra portuguesa explorada pelo sectarismo maçónico que lhe manda imprimir a feição panteísta e genuinamente pagã.

Como portugueses e como católicos que nos prezamos de ser aqui deixamos consignado desde já o nosso mais veemente protesto contra o abuso que se está fazendo da liberdade de consciência, forçando milhares e milhares de crianças, na sua quase totalidade filhas de pais católicos e elas próprias católicas a enfileirarem numa festa mais do que pagã.

Para festas desta natureza compreendia-se que fossem arregimentados os filhos dos livres pensadores, mas forçar os filhos dos católicos a comparecer nelas é uma violência sem nome.

Por isso mais uma vez lamentamos que certos católicos, enfileirando ao lado de pessoas reconhecida e notoriamente inimigas da Igreja levassem o seu zelo por uma causa tão infeliz até ao ponto de subscreverem à carta circular que foi profusamente espalhada pela cidade.

A Democracia (Covilhã) 1914

O MAL GERA O MAL

As árvores plantadas pelas crianças das escolas foram arrancadas e lançadas a terra pelos que teimam em ver na Festa da Árvore um culto pagão e não um culto de civismo.

Este facto, como é natural, indignou profundamente todos quantos não andando obsecados por idolatrias dogmáticas, sentem a utilidade, a benéfica influência na educação infantil e até no próprio espírito do povo, da realização de festas como a da árvore.

Pode enfim esse bando escuro do retrocesso manobrar à vontade, mandando arrancar, cortar, lançar por terra as amigas e benfazejas árvores que os batalhões infantis alegre e festivamente plantaram aos olhos de uma multidão comovida e contente que sem por isso a festa querida deixará de realizar-se, aqui e em todo o país, numa apoteose de luz, de amor e de verdade!

Que mal encerra dizer à criança que deve amar a terra, que deve fertilizá-la pelo seu esforço, que deve ungi-la com a graça dos seus hinos e cânticos?!

Não tem padres a festa, nem nela se observa a liturgia romana? E é isso coisa necessária para que a árvore crie raízes, cresça, lance a ramagem, frutos e flores?

Não surgiu a Festa da Árvore por uma mera especulação teórica. A festa da árvore teve e tem em vista, não satisfazer simbolismos novos, liturgias novas, mas criar fontes de riqueza.

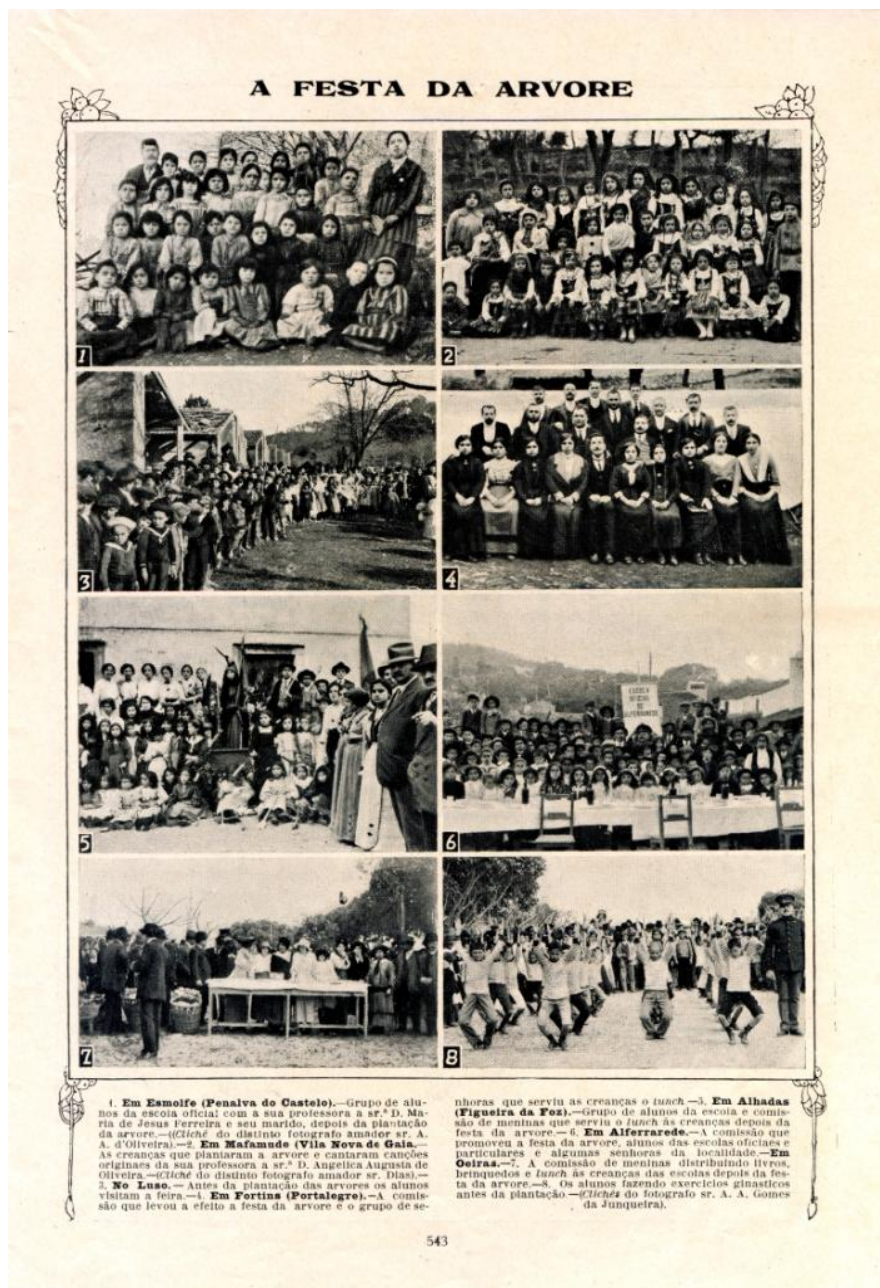
Aprendam no exemplo de S. Francisco de Assis a amar a Deus nas plantas, nos animais, em todas as coisas da criação!

Jornal de Guimarães, 1914

O Jornal “O Século Agrícola” foi dando a conhecer todas as iniciativas programadas, as contribuições das diversas entidades para a Festa, nomeadamente as árvores disponibilizadas pelos viveiristas e Serviços Florestais, as palestras promovidas em escolas e o relato das Festas da Árvore realizadas por todo o país.

A “Ilustração Portuguesa” edição semanal do jornal “O Século” dá-nos interessantes reportagens fotográficas do que foi a Festa da Árvore nessa época.





“Ilustração Portuguesa” n.º 479, 26 de Abril de 1915

E a par das festas escolares e colectivas “O Século Agrícola” dá igualmente conta nas suas páginas das muitas festas particulares também dedicadas à árvore, o que se exemplifica com duas pequenas referências saídas no jornal em 18 de Fevereiro de 1915:

“Os meninos António e Joaquim de Sousa Ribeiro, da rua de Costa Cabral, no Porto, já nos solicitaram árvores para levarem a efeito a sua festa íntima, no jardim da sua casa e sob a direcção de seus pais.”

“A Sr.^a D. Egeménia de Oliveira Lopes, residente em Argozêlo (Vimioso) faz igualmente a plantação festiva de árvores que O Século Agrícola lhe fornecerá, para alegria e ensinamento dos seus quatro pequeninos filhos.”

Muitas das palestras proferidas nas Festas da Árvore foram editadas em brochuras para divulgação sendo de referir A Serra, as Pastagens e os Gados de Tude de Sousa (Gerês, 1914), a Arborização como Função Económica e a sua Influência na Agricultura e na Pecuária de Júlio Mário Viana (Viseu, 1916), a Apologia da Árvore de Guilherme Felgueiras (Arbor Day, 1913) e o Culto da Árvore de Manuel Vieira Natividade (Alcobaça, 1913).

É nesta época, associado à Festa da Árvore, editado o livro de poemas “A Alma das Árvores” de António Correia de Oliveira.

A Festa da Árvore adoptou o “Hino das Árvores” com versos de Olavo Bilac e música de Aboim Foios como seu hino oficial.

[illegible]

O SÉCULO AGRÍCOLA, tendo entrado no ano de 1913, o segundo em que a sua publicação se faz, chama a atenção dos seus leitores para os serviços que estabeleceu recentemente: CONSULTAS, TRABALHOS DE ANÁLISES DE TERRAS, ADUBOS E PLANTAS, FORNECIMENTOS DE ARTIGOS DE LAVOURA E PEQUENOS ANÚNCIOS vantajosos para os agricultores e para os moradores dos campos.

Os seus artigos e indicações de caráter eminente.

mente pratico tornam o **SEculo AGRICOLA** um utilissimo guia para os trabalhos dos Agricultores, sobretudo no que respeita á cultura de pomares, horticultura, jardinagem e criação de animaes domesticos.

E' de justiça fazer observar que — custando apenas 20 reis cada numero — O SEculo AGRICOLA é indubitavelmente o mais barato jornal da especialidade que se conhece.



Procurando ilustrar o que era a Festa da Árvore transcrevem-se dois excertos, um de uma carta escrita em 17 de Março de 1912 à minha avó paterna por um seu sobrinho que vivia em Fragoso (Barcelos) e o outro de notícia publicada em 10 de Abril de 1913 num Jornal Regional de Guimarães:

MINHA MADRINHA

Recebi a sua cartinha que, estimei por saber que todos tem saúde. Nós vamos passando sem novidade graças a Deus.

No dia 9 do corrente tivemos aqui a Festa da Árvore. O Inspector pediu a todos os professores que fizessem a festa: a Câmara Municipal ofereceu duas árvores que não conhecemos; plantámos mais duas oliveiras, uma cerejeira e um castanheiro, tudo no largo, à fase do rêgo, próximo do nosso lugar do Nelo.

Sáimos ordenados 2 a 2 com instrumentos para a plantação, enxadas, alviões, pás de ferro, serrotes e tesouras; a família da escola feminina também incorporaram mas estas sem instrumentos.

A tuna cá da terra acompanhava tocando as melhores do seu repertório.

No local estava construído um modesto pavilhão de baixo do sobreiro da Margarida e foi bom porque a tarde fazia um sol picante.

O nosso professor fez a sua alocução aos alunos sobre o préstimo das árvores e a seguir ia subindo ao modesto pavilhão, mas rico de ramos e folhas, cada criança do sexo masculino recitar a sua poesia. Ao terminar a recitação cantavam o hino das escolas acompanhadas por instrumentos musicais. Subiram ao tal pavilhão 20 crianças; eu também subi; a poesia que recitei vai por cópia junto a esta para a madrinha ver se é linda.

Em seguida plantamos as árvores e a tuna sempre tocando; terminado o acto fomos comer uma arroba de figos, pão e vinho; e neste último acto não havia rapaz preguiçoso ... A professora também serviu as meninas do mesmo modo mas em outro lugar, no Covertó, ao norte.

Continuamos com a atada das vinhas ...

Daniel Neiva d'Oliveira Maciel

FESTA DA ÁRVORE EM PRAZINS

Realizou-se no Domingo, 6 do corrente, na escola oficial mista desta freguesia, a festa da árvore, sendo abrilhantada por uma banda de música.

Pelas 10 horas começaram as crianças a chegar à escola, sendo aí esperadas pela professora da mesma D. Maria Adelaide Ferreira Dantas, pelo professor Crespo Guimarães, de S. Martinho de Sande, pelo presidente da junta e membros da mesma (comissão paroquial).

À porta da escola tocara a música, queimando-se bastante fogo do ar.

Às 11 horas organizou-se o cortejo sendo distribuídas bandeiras a todas as crianças da escola, que produziam um lindo efeito.

Formadas as crianças em duas alas, iam à frente duas com as árvores, que eram um castanheiro e uma oliveira, seguindo-se-lhes as outras com alviões, enxadas e pás, etc.. Em seguida puseram-se em marcha tocando a música a *Portuguesa e Maria Fonte*, acompanhada pelas crianças, que não cessavam de cantar.

Chegados ao local da plantação, que foi em terreno do presidente da junta sempre acompanhados por bastantes pessoas, ali foram plantadas as árvores pelas crianças.

Acabada a plantação voltaram à escola sempre acompanhados pela mesma gente. Formada a mesa foi aberta a sessão pelo presidente, que em breves palavras mostrou o valor da festa, fazendo a apresentação do Sr. Crespo Guimarães, o qual usou da palavra mostrando às crianças a vantagem da festa e o amor que deviam ter pelas árvores, contendo o numeroso auditório em completo silêncio por espaço de uma hora. Em seguida falou a professora da escola que, num rasgado discurso, mostrou às crianças que esta festa, longe de ser, *maçónica* como por aqui dizem os ignorantes e maus, era de grande alcance moral e educativo. (...)

Por fim foi servido um *lunche* às crianças, constando de pão trigo, pastéis e vinho, na presença de todos os assistentes, vendo-se na bancada da escola algumas senhoras e cavalheiros tanto de aqui como de Braga, Fafe, etc..

Usou da palavra por espaço de meia hora o cidadão Abel Pinheiro, sendo ao terminar levantados vivas à Pátria, à República e ao Dr. Afonso Costa.



Postal da
Associação Protectora
da Árvore

UM LONGO INTERREGNO SEM COMEMORAÇÕES

A partir da entrada de Portugal na 1.ª Grande Guerra Mundial em 1916, com graves consequências para a economia do país e fragilização do jovem regime republicano, inicia-se o declínio da Festa da Árvore, registando-se algumas iniciativas dispersas e uma tentativa oficial fracassada, do ministro da instrução pública, em 1923, de a ressuscitar.

Até 1970 e durante o Estado Novo, a Festa da Árvore não tem significado.

DO DIA DA ÁRVORE AO DIA MUNDIAL DA FLORESTA – DE 1970 AOS NOSSOS DIAS

Em 1970 comemorou-se o ano Europeu da Conservação da Natureza. A Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas e a Liga para a Protecção da Natureza, criada em 1948 e prestigiada por um conjunto de iniciativas, nomeadamente em defesa da Serra da Arrábida e na promoção da ideia de criação de um Parque Nacional na Peneda-Gerês (criado em 1971), sensibilizaram o poder político para integrar nessas comemorações a celebração do Dia da Árvore.

A Secretaria de Estado da Agricultura aprovou a iniciativa que se realizou em Dezembro desse ano e constou da edição de um Cartaz com a transcrição do poema “Ao Vian-dante” (e que é possível ver junto de árvores notáveis e em jardins públicos), de plantações de árvores, prelecções nas escolas, visitas de estudo a jardins e matas e de programas na Emissora Nacional e na Rádio Televisão Portuguesa.

Desde então as comemorações tem-se realizado ininterruptamente até aos nossos dias tendo a partir de 1974 passado a designar-se, conforme acordado internacionalmente, de Dia Mundial da Floresta, conceito bem mais complexo e abrangente que o de “Dia da Árvore”. Contudo ainda hoje é frequente em cartazes recentes encontrar a velha designação de Dia da Árvore e até Festa da Árvore em iniciativas não oficiais.

ÁRVORES, FLORESTAS E HOMENS – UMA LONGA HISTÓRIA COMUM

As Florestas, sistemas ecológicos complexos onde as árvores desempenham papel de relevo, constituem um valioso recurso natural renovável gerador de múltiplos bens e serviços da maior relevância para o ambiente, para a economia e para a qualidade da vida dos cidadãos, quer ao nível local quer aos níveis regional, nacional e planetário.

A diversidade de bens económicos, valores naturais e serviços ambientais que geram as florestas saudáveis e bem geridas, faz delas um valioso património colectivo (mesmo quando são de posse privada) e a sua conservação, gestão e fomento não são preocupação exclusiva de agricultores, técnicos florestais e governantes, mas são também responsabilidade de todos os cidadãos sem excepção.

A omnipresença dos produtos florestais no nosso quotidiano – do papel aos objectos em madeira e cortiça, cada vez mais símbolos de estética e qualidade, aos que se destacam na nossa alimentação, na perfumaria, drogaria ou farmácia, mostra a importância das funções económicas da floresta. Em muitas regiões do globo ainda hoje é o seu uso como fonte energética que constitui o seu maior valor económico.

As suas funções ambientais contribuem de forma determinante para os equilíbrios do planeta: de espaço privilegiado de diversidade biológica e de reserva genética a fonte purificadora do ar, contribuem para a fixação de carbono e consequente combate ao efeito de estufa, para a regularização das águas, para a fixação recuperação e melhoria dos solos e para a qualidade da paisagem. O seu papel no combate à desertificação, às alterações climáticas e na defesa da biodiversidade é essencial.

As suas funções ligadas ao recreio, lazer e turismo assumem importância crescente numa sociedade cada vez menos rural e mais urbana, em que os cidadãos vivem em espaços agressivos e artificiais e sonham com os espaços naturais. Em zonas deprimidas podem contribuir para o desenvolvimento cinegético e turístico. É igualmente de destacar a importância das florestas peri-urbanas.

As florestas constituem ainda, nomeadamente as mais antigas, um importante património cultural, pela sua história, pelo seu contributo para a paisagem, pelas árvores notáveis que aí se encontram, pelo património arqueológico que tradicionalmente lhes está associado, pela sua biodiversidade, pelo seu valor científico e pedagógico, pela sua toponímia e pelo património aí construído. Citam-se, a título de exemplo, a Serra de Sintra, a Mata da Arrábida, a Mata do Buçaco, o Gerês e a floresta Madeirense. Mas são as árvores e as florestas com a sua beleza, diversidade e simbologia igualmente fonte fecunda e inesgotável de inspiração e criação artística para o homem. A procura de captar o “espírito da floresta” ou o “espírito das árvores” assumiu as mais diversas expressões culturais

nomeadamente na prosa, na poesia, na música, na pintura, na escultura, na arquitectura, na fotografia, no cinema ou no artesanato.

Assiste-se hoje nas sociedades mais desenvolvidas à valorização crescente das funções culturais, ambientais e recreativas das florestas.

As florestas actuais resultam de um longo processo evolutivo de milhões de anos – evolução genética e alterações climáticas – mas desde que o Homem surgiu há cerca de um milhão de anos foi ele o grande agente transformador da área e composição dos espaços florestais primitivos, num longo processo de desarborização e rearborização que marcou, desde tempos imemoriais, a acção modeladora e tantas vezes destruidora do homem.

Houve sempre uma ligação muito estreita entre a História dos Homens e a História das florestas desde os tempos em que a floresta, natural, densa e extensa, era o berço, o refúgio e a base alimentar do homem primitivo até aos nossos dias em que a necessidade de criar espaços para a agricultura e o pastoreio, as necessidades de madeira para a construção civil e naval e de combustível doméstico e industrial levaram o Homem a desbravar e queimar a floresta primitiva num longo processo de humanização e crescimento à custa da floresta, tantas vezes contra a floresta.

Vieira Natividade, ilustre agrónomo e silvicultor, expressa essa ligação com as seguintes palavras:

“A floresta, berço do homem, que lhe deu alimento, que lhe forneceu o primeiro abrigo, a primeira ferramenta; que lhe proporcionou, talvez, o primeiro sentimento estético e nele acordou a primeira comoção mística; a floresta de que se fez a caravela que lhe permitiu conhecer a extensão do seu mundo, e a primeira cruz, que simboliza as grandezas e as misérias, as injustiças e as heróicas renúncias desse mesmo mundo – permanecerá indissoluvelmente ligada aos destinos do homem”.



Propaganda dos benefícios da arborização, em azulejo, numa casa serrana

Desta longa e íntima co-habitação nasceram representações simbólicas, saberes e práticas, religiões e mitologias, moldaram-se paisagens e desenvolveram-se poderosas manifestações artísticas que fizeram da floresta, a par da sua dimensão económica, social, recreativa e ambiental, um importante património histórico e cultural.

COMEMORAR A ÁRVORE E A FLORESTA

O CULTO ANCESTRAL DAS ÁRVORES E DAS FLORESTAS

As actuais comemorações do Dia Mundial da Floresta e as da Festa da Árvore que as antecederam têm as suas raízes em manifestações mais longínquas, nomeadamente o ancestral culto das Árvores e das Florestas que existiu em diversas culturas primitivas ou muito antigas, cuja simbologia nalguns casos ainda hoje perdura.

A Árvore é um dos temas simbólicos mais ricos e mais generalizados de todos os tempos e civilizações: símbolo de **verticalidade** estabelecendo a comunicação entre o mundo subterrâneo (pelas suas raízes), a superfície da terra (pelo tronco) e as alturas (através dos ramos e da copa); símbolo da **vida**; símbolo da **transformação** e **evolução** (ciclos anuais, morte e regeneração); símbolo do sagrado – em certas culturas antigas, nomeadamente nas pré-helénica e Celta havia árvores consagradas aos deuses; símbolo de uma família, de uma cidade, de um rei ou de um país (folha de ácer no Canadá, o cedro no Líbano, a palmeira de Cuba); símbolo de **fecundidade**, da fertilidade, da vida (no deserto não há árvores); símbolo **da vida do espírito e do conhecimento**; símbolo de **segurança** (pela sua estabilidade) e de **protecção** (pela sua sombra).



Árvore, símbolo de vida, verticalidade e protecção

As árvores ultrapassando largamente os homens em dimensão, em altura e em longevidade quase parecendo eternas, adquirem uma dimensão “sobrenatural” de representantes dos deuses e por isso foram frequentemente consideradas sagradas e tornadas objecto de culto. Os Gregos e os Romanos tinham o culto de várias divindades que associaram às árvores: a oliveira era a árvore de Minerva, o choupo de Hércules, o pinheiro de Cibele, o loureiro de Apolo, o freixo de Marte e o carvalho de Júpiter, por exemplo.

Os Celtas acreditavam na magia das árvores e que cada uma possuía o seu próprio poder. Dividiram o ano em 21 partes e atribuíram a cada uma delas uma árvore sagrada: o carvalho, a oliveira, a bétula e a faia, correspondiam respectivamente aos equinócios da Primavera e do Outono e aos solstícios de Verão e de Inverno; as outras árvores eram o cipreste, o acer, o lodão, o pinheiro, a macieira, o abeto, a carpa, o freixo, a aveleira, o choupo, o salgueiro, a sorveira, o castanheiro, a figueira, a noqueira, o ulmeiro e a tília.

Diferentes árvores tem diferentes simbologias associadas: o **carvalho** representa solidez, potência, longevidade, força, majestade, sabedoria e hospitalidade; o **castanheiro**, previdência; a **cerejeira**, pureza, felicidade, prosperidade; a **noqueira** o dom da profecia; o **cipreste**, luto e longevidade, virtudes espirituais, santidade; o **loureiro**, imortalidade e glória; a **oliveira** simboliza a paz, fecundidade, purificação; o **salgueiro chorão**, morte, tristeza, imortalidade e a **tília** amizade e fidelidade.

Essa mesma simbologia estendeu-se também às florestas. O desconhecido, a dificuldade de ver ao longe, a obscuridade no seu interior e os ruídos estranhos e indefinidos constituíram fonte de inquietação para os homens e tornaram as florestas, em diversas civilizações, local de culto, de reunião de druidas, de oráculos, de lendas, de aplicação de justiça ou ainda lugar de cerimónia de iniciação de adolescentes ou de sepultura.

A floresta como espaço de mistério, de forças ocultas e sentimentos conflituais excita a imaginação e o fantástico constituindo-se como fonte inesgotável de mitos, crenças, lendas, fábulas, contos infantis e contos de fadas, assim como espaço habitado por espíritos, uns bons e outros maus, uns visíveis e outros invisíveis, como as fadas, as ninfas, os troll, os ogres, as dríades, os faunos, os sátiros, os gnomos, os elfos, os lobisomens e o próprio diabo.

AS PLANTAÇÕES COMEMORATIVAS

Podemos também considerar a tradição de Plantações Comemorativas com forte carga simbólica, como manifestações que antecederam as actuais Comemorações. Referenciadas na antiga Grécia e Roma assumem contudo a sua expressão mais celebrizada em França como símbolo do novo regime que sucedeu à Revolução Francesa (1790) – as “Árvores da Liberdade”. Fruto do entusiasmo popular e do fervor republicano a sua prática foi desigual em termos geográficos e o estado francês só institucionalizou e generalizou este movimento em face do sucesso dessas iniciativas locais. O fim da República e o retorno à Monarquia põem fim a esta prática com a proibição das plantações comemorativas e o arranque de grande parte dessas árvores. Estas comemorações em França foram nos tempos subsequentes e ao sabor das transformações políticas, ora apoiadas como símbolo da República, da igualdade, da liberdade e do progresso ora hostilizadas e proibidas pelos governos mais conservadores.

As Plantações Comemorativas existirão sempre, em todos os tempos, como forma de perpetuar um acontecimento seja o nascimento de um rei, o nascimento de um filho, um

acontecimento político relevante ou um simples encontro técnico-científico. Relembro a este propósito uma plantação de carvalhos promovida no âmbito do X Congresso Florestal Mundial em 1991 em Paris em que um representante de cada país participante plantou, em local identificado com o nome do seu país, uma árvore, simbolizando o povoamento resultante a amizade entre todos os povos.

Na Conferência Florestal de 1916, no Gerês, por proposta de Tude de Sousa foi aprovado que, para perpetuar as Conferências Florestais se fizesse, nas matas onde elas tivessem lugar, a plantação de três árvores – a “Árvore do Director”, a “Árvore dos Silvicultores” e a “Árvore dos Regentes Florestais”.

O ARBOR DAY

O Arbor Day (Dia da Árvore) é um dia especial dedicado à plantação de árvores, instituído a 10 de Abril de 1872 no Estado do Nebraska, nos Estados Unidos da América, tendo a partir de 1885 sido consagrado como feriado estadual.

Esta iniciativa rapidamente se generalizou a outros estados americanos e mais tarde foi também adoptada noutras partes do globo.

Consistia essencialmente na plantação de árvores e acções de propaganda sobre os benefícios da arborização, com grande mobilização de instituições públicas, de organizações agrícolas e de particulares.

As actuais comemorações do Dia Mundial da Floresta e as Festas da Árvore do início do século têm claramente a sua raiz nesta iniciativa americana do Arbor Day.

PROPAGANDA DA ÁRVORE E DA ARBORIZAÇÃO NESTE PERÍODO, ATRAVÉS DA ESCRITA

O culto da árvore e a apologia dos benefícios da arborização manifestaram-se, para além da realização de eventos como conferências e Festas da Árvore, através de campanhas e notícias na comunicação social nomeadamente em jornais e revistas, através da publicação dos Boletins da Associação Protectora da Árvore, nos relatórios das Conferências Florestais realizadas de 1914 a 1917 e publicadas nos Boletins da Direcção Geral de Agricultura, em diversas brochuras e separatas com texto de destacados técnicos florestais ou de distintos publicistas, em prol da árvore e pela publicação de livros técnicos ou literários alusivos.

Há assim uma significativa bibliografia desta época que, pelo seu interesse, se refere:

- Artigos de jornais e revistas com referências à Festa da Árvore (especialmente nos anos de 1912 a 1915)
- Artigos de revistas agrícolas (Portugal Agrícola, Gazeta das Aldeias)
- Ilustração Portuguesa (referências, por vezes com muito destaque, à Festa da Árvore – 1910 a 1916)

- Os seis números do Boletim da Associação Protectora da Árvore – 1914 a 1915
- Os quatro relatórios das Conferências Florestais: 1914 (Lisboa), 1915 (Marinha Grande), 1916 (Gerês) e 1917 (Buçaco), com as teses apresentadas, o seu debate e os votos formulados e publicados nos Boletins da Direcção-Geral de Agricultura
- Escritos de Tude Martins de Sousa – distinto técnico florestal associado pela sua acção e escritos à serra do Gerês:
 - A árvore – leituras florestais para crianças – 1912
 - A tradição, o valor e o culto da árvore – 1913 (palestra realizada na festa da Árvore aos alunos da escola de instrução primária das Caldas do Gerês)
 - A serra, as pastagens e os gados – 1914 (palestra pública no Gerês na Festa da Árvore)
 - A árvore na Escola Primária – 1916 (conferência na Faculdade de Ciências de Lisboa)
- Escritos de Manuel Alberto Rei – distinto técnico florestal associado à arborização das dunas da Figueira da Foz:
 - Pela Pátria e pela República – 1913 (Conferências de Propaganda a favor da Arborização e Agricultura Nacionais)
 - Arborização e agricultura – 1914 (série de palestras dirigidas aos soldados aquartelados na Figueira da Foz)
- O Parque Nacional da Pena, sua conservação inalienável como propriedade da República – 1912. Regente Florestal Oliveira Carvalho
- O culto da árvore – 1913. Manuel Vieira Natividade
- A alma das árvores – 1913 (para as crianças). António Correia de Oliveira
- A Festa da Árvore – discurso pronunciado por José Francisco Figueiredo na Festa Nacional da Árvore em Nisa, no dia 9 de Março de 1913. Edição Colibri, 2009
- A árvore – leitura patriótica a favor da propagação, defesa e culto da árvore; com prefácio do Dr. José de Castro. Biblioteca da Infância
- A apologia da árvore – trecho de uma palestra pública realizada na Cortegana / Arbor Day 1913. Guilherme Felgueiras, 1917
- A utilidade das árvores – 1916. Mário de Azevedo Gomes
- Escritos de Júlio Mário Viana – engenheiro silvicultor dos Serviços Florestais e sócio destacado da Associação Protectora da Árvore:
 - Fomento agrícola e florestal – 1915. Separata do Boletim da Associação Protectora da Árvore
 - Influência do princípio associativo no desenvolvimento da arborização e conservação da riqueza florestal – 1917. Separata do Boletim da Associação Protectora da Árvore
 - Influência da arborização na economia nacional – 1919. Associação Central da Agricultura Portuguesa

MINISTÉRIO DO FOMENTO

BOLETIM DA DIRECÇÃO GERAL DA AGRICULTURA

A SERRA, AS PASTAGENS E OS GADOS

Palestra pública realizada no Gerez,
na celebração da Festa da Árvore em 1914

POR

TUDE MARTINS DE SOUSA

Regente florestal

12.º ANO

N.º 2



LISBOA — Imprensa Nacional — 1914

Nas publicações de índole mais técnica relacionadas com as árvores e as florestas destacam-se nesta época os seguintes temas:

- a arborização das serras, a fixação e arborização do litoral e a secagem dos pântanos;
- pastagens florestais e seu melhoramento;
- produção de plantas em viveiro, criação de pomares de sementes e qualidade das sementes florestais;
- ordenamento das matas e associativismo florestal;
- protecção do arvoredos contra pragas e doenças;
- estudo da flora florestal;
- silvicultura do pinheiro bravo;
- regulamentação da cultura do sobreiro;
- cultura do eucalipto e seu interesse industrial;
- reforço da guarda florestal e necessidades da sua formação profissional;
- classificação de árvores notáveis;
- Portugal e a sua riqueza silvícola.

A Administração Florestal / Serviços Florestais dispõe então de um escalão de distintos técnicos florestais – António Mendes de Almeida, Joaquim Ferreira Borges, Júlio Mário Viana, Carlos d'Oliveira Carvalho, Tude de Sousa, Manuel Alberto Rei, entre outros, muitos dos quais figuras identificadas com o regime republicano.

Em termos de legislação e política florestal destaca-se:

- reorganização dos Serviços Florestais (1911, 1918 e 1918);
- reformulação do plano geral de fixação das dunas do litoral (1911);
- ampliação das áreas submetidas a regime florestal;
- reconhecimento da Associação Protectora da Árvore como instituição de utilidade pública e regulamentação da protecção às árvores nacionais (1914);
- regulamentação da pesca nas águas interiores (1912, 1924);
- criação de Juntas de Regulação de bacias hidrográficas – rio Liz (1911) e rio Mondego (1919);
- protecção do arvoredos na serra de Sintra (1918);
- providências relativas a cortes de sobreiros e azinheiras (1917).



AS CONFERÊNCIAS FLORESTAIS DA 1.ª REPÚBLICA

Com base na Lei n.º 26 de 9 de Julho de 1913 (Artigo 139.º) são instituídas as Conferências Florestais que com “um grande fim moral, educativo e útil” irão permitir a todos os funcionários florestais apresentar os seus trabalhos, opiniões e dúvidas, debater ideias e projectos, sentirem estímulo para progredir e das quais resultarão inequívocos benefícios para a acção dos Serviços Florestais e para o País.

Realizaram-se quatro Conferências Florestais: a primeira em 1914 em Lisboa (no Ministério do Fomento), de 16 a 20 de Abril, com as actas publicadas no Boletim da Direcção Geral de Agricultura n.º 5, do Ministério do Fomento, em 1915; a segunda em 1915 na Marinha Grande (Parque do Engenho), de 20 a 25 de Abril, com as actas publicadas no Boletim Ministério do Fomento em 1917; a terceira em 1916 no Gerês, com as actas publicadas no Boletim da Secretaria de Estado da Agricultura – Direcção de Instrução Agrícola, em 1918; a quarta, em 1917, no Buçaco e com as actas publicadas no Boletim do Ministério da Agricultura em 1919.

A estrutura destas Conferências Florestais consistia na apresentação de propostas pelos técnicos que o entendessem fazer, na sua ampla discussão e pela apresentação das conclusões. Num dos dias da Conferência realizava-se uma excursão a trabalhos florestais relevantes, sendo igualmente usual o prestar homenagem a técnicos florestais distintos já falecidos.

Estas Conferências caracterizaram-se pela procura de uma profunda reforma e modernização dos Serviços Florestais e de definição de uma estratégia comum que a todos envolvesse, pela aposta na ciência florestal e na qualidade da silvicultura e ainda no desenvolvimento da investigação e da experimentação.



Homenagem a Rodrigo de Moraes Soares – Conferência Florestal de 1917, no Buçaco

Nestas quatro Conferências Florestais levantaram-se e debateram-se todas as grandes questões essenciais ao desenvolvimento florestal e à eficácia da Administração Florestal:

- da experimentação e investigação às prioridades da acção;
- da ampliação dos viveiros florestais ao papel estratégico do Estado no assegurar a qualidade das sementes florestais;
- da silvicultura das principais espécies nativas como o pinheiro bravo e o sobreiro à aclimação das espécies exóticas;

- do conhecimento das pragas e doenças, como a processionária do pinheiro e a tinta do castanheiro, ao seu combate e profilaxia;
- da introdução de novas técnicas de fixação das dunas, como sistema alemão, à experimentação de novas espécies fixadoras das areias;
- da criação do Museu Florestal da Marinha Grande (e posteriormente nas principais Matas do Estado);
- da experimentação e regulamentação da resinagem;
- do redimensionamento dos meios humanos aos novos desafios florestais e sua adequada formação profissional;
- da criação de uma escola profissional de guardas florestais na Marinha Grande;
- da inventariação das espécies florestais exóticas de comprovado valor silvícola e criação de livros de registo onde se arquivariam os dados fundamentais sobre a sua cultura;
- do melhoramento silvo-pastoril considerado de utilidade pública nas zonas serranas;
- do controlo da colheita de espécies botânicas úteis e ornamentais e da protecção de espécies e exemplares notáveis;
- no melhoramento das raças de cães pastores da serra da Estrela e Castro Laboreiro;
- do aumento progressivo do domínio florestal do Estado;
- da promulgação de legislação de protecção de arvoredos contra fogos, pragas e doenças e protecção das aves úteis à agricultura e às florestas;
- da melhoria das técnicas de mobilização do solo;
- da experimentação para o melhor conhecimento da cultura e exploração dos montados;
- da experimentação do fabrico da pasta de papel a partir da madeira das espécies mais abundantes ou que se possam cultivar no País;
- do apoio à instalação de indústrias subsidiárias da produção florestal e de iniciativas particulares;
- da regularização das bacias hidrográficas e correcção torrencial pela arborização e hidráulica florestal e criação de Juntas de correcção de rios;
- de uma activa e bem orientada propaganda a favor do fomento silvícola, com a colaboração da Associação Protectora da Árvore, dos engenheiros silvicultores, dos regentes florestais e dos professores primários;
- do assegurar de melhores condições de protecção social aos funcionários florestais em situações de doença adquirida no exercício de funções.

Esta diversidade de temas florestais em debate, com vertentes técnicas, sociais e culturais, é bem reveladora de um espírito reformador e modernizador que nesta época existiu na Administração Florestal.



O culto da árvore, a Festa da Árvore, a classificação e protecção de árvores notáveis, o reconhecimento dos benefícios da arborização e da silvicultura, a necessidade de cooperação e diálogo entre os agentes que contribuem para a modernização florestal – valores e símbolos de tanto significado nos ideais da 1.ª República – mantêm-se no essencial actuais.

Apesar dos progressos significativos do século XX no domínio florestal, ainda há um longo caminho a percorrer para um desenvolvimento verdadeiramente sustentável da nossa floresta. Os comportamentos negligentes com os arvoredos, a destruição sistemática pelos incêndios dos nossos recursos florestais, o enorme absentismo e a deficiente gestão dos espaços florestais, e a existência de graves problemas fitossanitários, são disso claro exemplo.

Recordar as preocupações e desafios de há 100 anos relativos às árvores e às florestas é também reflectir sobre o nosso presente e sobre os desafios do nosso futuro.

Que a plantação comemorativa de Árvores do Centenário, a realizar em diversos pontos do País, com a imensa e diversificada carga simbólica que estes magníficos seres vegetais assumem no nosso imaginário, constitua também um momento de reflexão e de memória sobre os valores que a 1.ª República projectou, os que implantou e os que se perderam nas vicissitudes da história.



Este documento encontra-se disponível em:

[www.afn.min-agricultura.pt /](http://www.afn.min-agricultura.pt/)
www.centenariorepublica.pt/



Ministério da
Agricultura,
do Desenvolvimento
Rural e das Pescas



Autoridade
Florestal
Nacional